

Irene - É uma loucura enorme.

Gastão - Pois bem, eu tentei resolver a coisa da melhor maneira para você. Se repeli as minhas sugestões eu procederei da maneira mais prática. Irei à sua casa.

Irene - Mandarei enxotá-lo pelos criados.

Gastão - Provocará um escândalo enorme que é justamente o que tanto se preocupa em não fazer.

Irene - (voz de choro) Por favor, Gastão! Deixe-me socegada. Se levei a intranquilidade ao seu coração não o fiz propositadamente. Porque insiste em querer vingá-se?

Gastão - Você não está me entendendo, Irene. Quero falar-lhe pessoalmente meia hora, apenas. Juro-lhe que depois disto deixá-la-ei em completa paz. ~~Se você não fizer o que eu lhe digo, não vou saber mais notícias suas.~~ ~~Se você não fizer o que eu lhe digo, não vou saber mais notícias suas.~~ Nem mais saberá notícias minhas.

Irene - Pois bem, seja. Estarei no jardim da fonte hespanhola amanhã, um pouco depois das cinco.

Gastão - Combinado, Irene. Adeus. ~~Uma hora depois das cinco~~

Contra Regra - Ruído de desligar telefone
Controle → (CORTINA MUSICAL)

C Regra - (Batem cinco horas espaçadas num torre próxima) (Canto de passaros para fundo de toda a cena)
(velhota)

Gloria - O senhor é o seu Gastão, não é verdade?

Gastão - Sim. Quem é a senhora?

Gloria - Venho trazer-lhe um recado. Dona Irene manda pedir-lhe que o senhor não a espere porque ela não poderá vir encontrá-lo.

Gastão - Não é possível. Ela me garantiu que estaria aqui um pouco depois das cinco.

Gloria - Mas ela não virá.

Gastão - Não mandou dizer ao menos o motivo? Não pediu que eu lhe telefonasse depois?

Gloria - Pediu que o senhor não telefonasse nunca mais porque ela não o atenderá.

Gastão - Não me conformo com essa resolução. Diga-lhe, então, que irei esta noite à sua casa.

Gloria - Aceita um conselho meu?

Gastão - Não costumo receber conselhos de ninguém, em todo o caso, a título de curiosidade, gostaria de ouvir o que me vai dizer.

Gloria - Se não quer ^{se} sair ~~uma~~ bastante mal não apareça em casa de dona Irene. Ela ^{me} proibiu de lhe dizer a verdade, mas uma vez que o senhor ameaça de ir lá eu acho melhor que o senhor esteja informado de tudo. Ela contou ao marido, o que se passou e combinaram ~~uma~~ um plano contra o senhor. ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~ Ela vai esperar que o senhor telefone e vai marcar ~~uma~~ uma hora qualquer para o senhor ir à casa dela. Lá, depois de recebê-lo, o marido e os criados lhe darão uma ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~ surra.

Gastão - Será possível que Irene tenha tido a coragem de me ~~ir~~ preparar uma cilada destas?

Gloria - Juro como estou lhe dizendo a verdade. E o senhor nem imagina como é violento aquele homem. Eu também estava envolvida no plano, mas simpatizei com o senhor e tive pena da malvadez que iam lhe fazer. Desista de conquistá-la. Não lhe faltarão outras moças.

Gastão - Sim, é isto mesmo. A senhora tem razão. Nem sei como poderei agradecer-lhe.

Glória - Óra, óra, não me agradeça. Eu já lhe disse que fiz isto porque simpatizei com o senhor. Vá e não pense mais nisto.

Controle

→ (CORTINA MUSICAL) *funde com*

(Canto de pássaros para fundo de toda a cena).

Glória - Faça o favor, minha senhora... desculpe, sim? É Irene o seu nome?

Irene - Sim. Porque?

Glória - Eu preciso muito falar com a senhora. Quer sentar-se comigo naquele banco?

Irene - Desculpe, mas... eu não poderei atendê-la agora.

Glória - Mas a senhora precisa atender-me, dona Irene.

Irene - Se lhe digo que não posso é porque não posso efetivamente. Estou esperando dentro de poucos minutos uma pessoa com quem tenho um assunto de grande urgência e interesse para resolver.

Glória - Essa pessoa... já veio e já foi.

Irene - Como sabe?

Glória - Eu o despedi há pouco.

Irene - A senhora?

Glória - Eu, sim. Compreendo o seu espanto e vou me apressar em explicar-lhe tudo. Sentemo-nos. (Pausa) Principiarei dizendo-lhe que sou telefonista e que esquitei toda a sua conversa com o homem que a senhora esperava encontrar aqui. Sei também que a senhora não tem crime nenhum e que acedeu a esta entrevista com a esperança de se ver livre dele.

Irene - Sim, realmente... foi isto mesmo. Se a senhora ouviu tudo, desde princípio, sabe bem que a minha intenção foi apenas esta.

Glória - Sei, sim, ~~minha~~ ^{minha} minha filha. Não se preocupe por isto. Mas a questão é que eu estou cansada de conhecer a vida e de saber como o destino se entretém, às vezes, em torcer as nossas melhores intenções. ~~Minha voz, meu Deus.~~ Estou cansada, também, de ouvir as conversas desse cavalheiro ^{com} outras senhoras ~~que se mostram, como a senhora, tímidas e receosas~~ ^{que se mostram, como a senhora, tímidas e receosas} quando elas vão cedendo uma e outra coisa que lhes parece sem importância e quando despertam da loucura, estão comprometidas e desgraçadas.

Irene - Sim, é isto mesmo. A senhora tem toda a razão.

Glória - E não há nada que valha mais ^a uma mulher do que a honestidade. Não há bem que se compare à nossa paz de consciência. Foi Deus que me interpos no seu caminho para salvá-la das garras de um canalha. Eu não os conhecia pessoalmente, ~~nem~~ ^{nem} a senhora nem a ele. Sua voz despertou-me simpatia e senti-la, de princípio, o grande medo que lhe dominava.

Irene - Exatamente. Foi isto mesmo o que ^{me} aconteceu.

Glória - Este medo lhe arrastaria muito mais longe do que a uma simples entrevista neste jardim. Decidi ajudá-la. Deixei uma colega ^{no} meu lugar e vim para cá muito antes das cinco. A todos os senhores, cuja atitude me pareceu suspeita, eu me dirigi corajosamente perguntando: o senhor ^{chama} ~~meu~~ ^{meu} Gastão, não é verdade? Depois de duas ou três negativas, encontrei finalmente o homem que lhe havia falado ^{pelo} telefone. Disse-lhe então que vinha ^{de sua} parte ~~minha~~ ^{para} avisá-lo ^{que} não compareceria à entrevista e que ele ^{me} deixasse inteiramente ^{em} paz porque a senhora havia contado tudo ao seu marido e este decidira dar-lhe uma justa lição.

Irene - A senhora teve a coragem? E ele? *Que lhe disse, afinal?*

Gloria - Ele, como todos os Don Juans baratos, ficou apavorado à ideia de que o seu marido estivesse realmente a pará de tudo o que se passava. Foi-se embora contrariadíssimo com o seu fracasso mas absolutamente resolvido a deixá-la inteiramente em paz. Nem mais lhe telefonará. A senhora vai ver.

Irene - E como poderei agradecer-lhe um tão grande favor?

Gloria - A senhora não terá porque me agradecer. Sabe porque fiz isto?

Irene - Não.

Gloria - Porque já fui moça, como a senhora, casada também, tive como a senhora uma filha e era imensamente feliz!

(FRASE MUSICAL)

Cecilia - Demoraste tanto, papaizinho!...

Alfredo - Pois é, filinha, o papai hoje teve muito serviço e não pode vir antes para casa.

Gloria - Você nem imagina a aflição que ela estava pela sua chegada. De vez em quando corria à janela para espiar se você já vinha.

Cecilia - E o papai nunca vinha, nunca vinha. Já estava escurecendo e nada dele aparecer.

Alfredo - Pois é, minha filinha, e eu lá também pensando que você estava aqui à minha espera desde as cinco. Imagine, Glória que o Thomaz adoeceu e estamos só eu e o Edmundo tomando conta de todo o serviço do telégrafo.

Gloria - Quando chega o novo telegrafista designado para cá?

Alfredo - Penso que por toda a semana que vem. Se Deus quizer até lá o Thomaz estará bom e nós já ficaremos todos mais aliviados de serviço.

Gloria - É solteiro ou casado esse novo que vem, não sabes?

Alfredo - Casado. E por falar nisto, logo que eles tiverem chegado tu terás que procurar a senhora dele. Ela é nova aqui, não conhece ninguém...

Gloria - Sim, está claro. Teremos que procurá-la, como não?

Cecilia - E ela não terá uma menininha do meu tamanho pra brincar comigo, papai?

Alfredo - Não sei, minha querida. Póde ser que tenha.

Gloria - Minha filha, você esqueceu o que ia contar a seu pai?

Cecilia - Não sei o que é mamãe.

Gloria - Meu Deus, como você está esquecida, Cecilinha! Então você não estava à espera que seu Pai chegasse para tocar a música que a professora deu por pronta?

Cecilia - Ah é mesmo, eu nem me lembrava mais. Tu queres ouvir, papaizinho uma música que eu já sei tocar?

Alfredo - Claro que sim, minha filha. Vai tocar.

Gloria - Pois bem, enquanto você se distraí com ela eu vou tratar do nosso jantar.
(Passos que se afastam)

Cecilia - Se eu errar é porque eu fiquei nervosa. Tu não vai fazer troça sim papai?

Alfredo - Ora, minha filha, então o paisinho vai fazer troça de você? Foque, vamos.

(Ouve-se uma musica de principiante, indecisa e vacilante até o fim)

Alfredo - (Batendo palmas) Muito bem, minha filha! Muito bem. Eu estou entusiasmado com o seu progresso! Se você continuar assim vai ser um exímia pianista.

Cecilia - A dona Rachel disse que na outra lição eu já vou começar a tirar outra musica.

Alfredo - Muito bem, é isto mesmo. A paisinho fica muito satisfeito de ver que você é estudiosa e aproveita bem o que aprende. (Passos que se aproximam)

Gloria - E então, Alfredo, gostou do concerto?

Alfredo - Ótimo! Esplendido! Eu estou verdadeiramente entusiasmado com a nossa futura pianista.

Gloria - Bem, agora vamos jantar antes que a comida esfrie. Quer dar-me a honra de aceitar o meu braço?

Alfredo - Oh Madame, por quem sois. A honra é toda minha! (riem os dois).

Cecilia - Eu tambem quero ir de braço com o papaisinho.

~~Gloria~~ Alfredo - Muito bem, pôde vir. Felizmente o papaisinho tem dois braços. Um para cada uma. Vamos. Vamos ao jantar.

(CORTINA MUSICAL)

Gloria - (voz de velha) E foi assim a vida para nós, durante muito tempo.

Irene - Uma vida encantadora, realmente.

Gloria - Algum tempo depois, o oblega de meu marido chegou e nós fomos visitá-lo.

(Frases musical)

Alfredo - Para quem vem do Rio a vida aqui é bastante insípida. A cidade é muito triste, muito sem movimento...

Gloria - Sem dúvida. Dona Tânia vai extranhar bastante.

Tânia - Sim, creio que vou extranhar muitissimo. Mas quando não ha remedio a gente se acostuma.

Paulo - O que vale é que Tânia tem um genio muito alegre, muito comunicativo, faz logo relações onde vai.

Gloria - Isto é bom porque ao menos ela se distrai.

Tânia - É o que eu sempre digo. No Rio eu tinha uma vida agitadissima. Quasi não parava em casa. Depois tenho lá toda a minha familia, morávamos em pensão, de fôrmas que eu não tinha a preocupação da casa. Andava sempre em casa dos parentes.

Alfredo - Não tem filhos?

Paulo - Infelizmente não. Tânia gosta muito das creanças... de longe. Acha que dão muito trabalho.

Gloria - Tem razão. Dão efetivamente um trabalho exaustivo. Trabalho e preocupação, mas em compensação, tambem, dão-nos muitas horas de alegria.

Paulo - É o que eu sempre digo a ela.

Tânia - Eu sei perfeitamente de tudo isto mas prefiro assim como estamos. A senhora tem um garotinho?

Gloria - Uma menina. Vai completar agora oito anos.

Paulo - Então já é bem grandezinha?

Alfredo - Grande e esperta. Até já toca piano.

Tânia - Veja só!

Gloria - De vez em quando ela faz um concerto para o pai. Agora está muito faceira porque a professora disse que vai passá-la para um método mais adiantado.

Paulo - Quando retribuirmos a visita teremos oportunidade de conhecê-la e de ouvi-la.

Alfredo - Ah e ela toca sem o menor constrangimento. Gosta de se fazer ouvir.

Tânia - É natural. Quasi toda a creança é assim.

Gloria - Vou empenhar-me, agora, de conseguir uma casa mais perto da nossa para a senhora. Quando chegou o telegrama de seu marido avisando o embarque e pedindo para alugarmos uma casa, a única que conseguimos foi esta.

Paulo - Ela não é má, nós não estamos descontentes com ela, a única coisa é que fica assim um pouco retirada de tudo.

Tânia - É, sim. E depois eu não conhecendo ninguém fico ainda mais isolada. Se conseguisse ir para perto da senhora seria ótimo para mim.

Alfredo - Eu creio que será questão de um, dois meses, e já teremos arranjado uma outra lá perto da nossa. E aquela zona em que estamos é boa. Sempre ha mais movimento mesmo de noite.

Paulo - Pois bem, então confiamos em que nos arranjem isto.

Gloria - Faremos todo o empenho. Vamos não é Alfredo?

Tânia - O que? Já tão cedo? Converse mais um pouco.

Gloria - É que Cecilia não está habituada a ficar só com a empregada e eu tenho receio que ainda esteja acordada.

Tânia - Bem, se é assim eu não insisto.

Alfredo - Nós voltaremos qualquer outra noite.

Paulo - Antes disto eu creio que nós iremos retribuí-lhes a visita.

Gloria - Teremos muito prazer. Então, dona Tânia...

Tânia - Oh, por favor! Dona Tânia não. Deixemos a cerimonia de lado. Dispense o "dona" Trate-me de Tânia, apenas.

Gloria - Muito bem, eu prefiro assim. Detesto a cerimonia.

Paulo - Nós tambem. Com a continuação a senhora verá que somos muito simples e muito francos.

Alfredo - Nós tambem. Ceremonia é coisa que não sabemos fazer.

Tânia - Sabe que fiquei encantada com a sua visita, Glória? Tenho certeza de que ha vemos de ser muito boas amigas.

Gloria - Assim espero. Boa noite então. (Beijo.) (Tânia responde) Boa noite senhor Paulo. (Ele responde) Vamos querido?

Alfredo - Vamos, sim. Boa noite meus amigos. (Ambos respondem) Lá estamos às ordens.

(CORTINA MUSICAL)

Gloria - (voz de velha) Eles retribuiram a visita, nós voltamos lá novamente, conseguimos outra casa para eles perto da nossa, as visitas foram se sucedendo, a amizade foi se estreitando e em poucos meses eramos ótimas amigas.

Irene - Compreendo. A convivência vai fazendo com que as criaturas se afeiçoem umas às outras.

Gloria - Exatamente. Já nos dávamos muito intimamente há vários meses quando um dia Tânia chegou à minha casa...

(FRASE MUSICAL)

Tânia - Nem sabes o que perdeste. A festa em casa de Odete foi um assombro! Eu só me lembrava de ti. Fôste uma tôla, Gloria!

Gloria - Eu não podia ir, Tânia. Alfredo estava trabalhando...

Tânia - Ora, ora o que tem isto? Que tôla que tu és! O Paulo também estava trabalhando e eu fui. Olha, e não me arrependi. Diverti-me a mais não poder. Tu devias ter ido.

Gloria - Eu nunca fui a parte alguma sem o meu marido. Não acho geito. Acostumei-me assim...

Tânia - Ah eu não. Si eu fôsse esperar que o Paulo pudesse me acompanhar então não iria a parte alguma. Ele está sempre trabalhando. Quando não está trabalhando está cansado e prefere dormir. Eu não vou perder a minha mocidade dentro de uma casa, minha filha. Ah isto não. Não há marido que mereça um desapêgo tão grande da mulher.

Gloria - Alfredo quiz que eu fôsse contigo que ele depois passaria lá para me buscar mas eu não quiz. Nunca fui a festas sem ele.

Tânia - Garanto-te que não estarias arrependida. Ainda não havia assistido aqui a uma festa tão boa. Aliás fiz um sucesso enorme. Nem queiras saber. Fui disputadíssima pelos rapazes. Eles deixavam as moças para vir dançar comigo.

Gloria - Tu dansaste, Tânia?

Tânia - Meu Deus, a noite inteirinha. Até à hora em que Paulo foi me buscar. Estás com uma cara que parece que eu fiz uma coisa muito feia. O que há de mal em que eu tenha dansado, Gloria?

Gloria - Bem, mal não tem, realmente, mas... não é uso da terra, compreendes? Uma senhora casada não dança sinão com o marido ou então com os amigos muito íntimos deste.

Tânia - Meu Deus, quanta bobagem! Pois olha então eu devo ter causado um escandalo enorme em todos que lá estavam. Dansei a noite toda. Havia um oficial, então, que estava encantado em mim! Por fim nem me deixou mais sentar. A cara que ela faz! (ri-se com vontade) Tu ainda és muito atrasada, Glória! (Ri-se)

Glória - É uma questão de hábito, Tânia. Se eu tivesse feito o que fizeste Alfredo se aborreceria muitíssimo...

Tânia - Pois olha! eu contei tudo ao Paulo e ele achou uma graça enorme. E se ficasse zangado para mim era a mesma coisa. O homem, minha amiga, não merece mais que o desprezo da mulher!

(CORTINA MUSICAL)

Glória - (voz de velha) Depois de tudo isto que Tânia me contou eu já não pude mais depositar nela a mesma confiança que no principio ela me inspirára.

Irene - É claro. Naturalmente que a senhora ficou alerta.

Gloria - Comecei a observá-la e a notar-lhe certos gestos suspeitos e atitudes estranhas. Principiei, então, a esquivar-me de sair com ela à rua, sem no entanto cortar as relações. Ia de vez em quando à sua casa, sempre acompanhada de Alfredo, e Cecília - a quem ela agradava muitíssimo - uma vez por semana ia lá passar a tarde. Foi num desses dias que...

(FRASE MUSICAL)

Cecilia - Era um moço alto, sabe mamãe? Com uma farda cheia de botões dourados. Ele me chamou e me disse assim: "Meninazinha, se tu queres ganhar uma boneca, entrega este bilhete para D. Tânia e não fala isto para ninguém." Quando eu peguei o bilhete e ia levar, ela me chamou outra vez e disse assim: "Não deixe ninguém ver você lhe entregar o bilhete. Se tiver alguém perto, você guarde e só entregue quando ela estiver sózinha."

Gloria - E você entregou esse bilhete, minha filha?

Cecilia - Não mamãe, está aqui. O seu Paulo estava lá eu não quis entregar na frente dele. Disfarcei que estava procurando o meu pregador e depois saí. Agora quando ele sair eu vou levar, não é mamãe?

Gloria - Não, minha filha, você vai deixar este bilhete comigo que eu mesma o entregarei à dona Tânia. E você não vai falar nisto para ninguém, ouviu?

Cecilia - Não, mamãe.

Gloria - Nem para seu pai, está ouvindo?

Cecilia - Sim, Mamãe. Mas porque será que ele não queria que o seu Paulo visse o bilhete hein?

Glória - Não sei minha filha... naturalmente porque... Ah já sei. Naturalmente é alguma surpresa que dona Tânia quer fazer ao marido. Em todo o caso eu não quero que você leve mais bilhetes a ninguém. Se ele lhe chamar outra vez e lhe pedir a mesma coisa, você diga que não que a sua mãe não quer que você faça papel de mensageira. Mensageiro é que entrega bilhetes.

Cecilia - A senhora está aborrecida comigo, mãezinha? Eu não tive culpa.

Glória - Não, minha filha, eu não estou aborrecida com você. Só não quero que você entregue mais bilhetes a ninguém. E não fale nisto para pessoa alguma.

Cecilia - Está bem, mãezinha.

Glória - Bem e agora você vá tratar de estudar a sua lição que amanhã é dia da professora vir. (Passos que se afastam) (Pausa) Meu Deus, será que a leviança de de Tânia vai ao extremo? Eu já lhe quero tanto bem que preferia acreditar que não. Eu deveria, talvez, queimar sem ler este bilhete mas a minha discreção não chega a tal extremo. Sinto-me tentada a ler o que ele diz. Talvez seja melhor. Pode ser que decepcionando-me totalmente com ela eu venha a deixar de querê-la. (Pausa) (Lendo) Tânia querida: depois da tua primeira visita ao meu quarto, tudo me fala de ti. Prometeste voltar e até hoje aguardo esse feliz instante. Porque não vieste mais? Teria eu te decepcionado? Quarta feira estarei de folga toda a tarde. Não sairei. Ficarei em casa à tua espera. Até lá viverei num mundo de sosseguidão e de dúvida. Beijo-te com carinho. M.A. (Pausa) Meu Deus que horror!... E agora? Que deverei fazer?

(CORTINA MUSICAL)

Glória - (voz de veias) Aquela bilhete e a certeza da infidelidade de minha amiga fizeram-me um mal terrível!

Irene - eu imagino, sim.

Glória - Depois de uma noite inteira de insônia, a pensar sobre o que deveria fazer, resolvi finalmente procurá-la.

(FRASE MUSICAL)

Tânia - O que tens, Glória? Pareces tão nervosa, tão preocupada. O que se passa contigo?

Glória - Tânia, eu preciso muito falar-te sobre um assunto muito grave.

Tânia - ~~Sai~~ Fala então. Seja lá o que for podes contar comigo. Sou tua amiga, Glória.

- Gloria - Eu sei, Tânia. É justamente por ter a certeza disto é que me encontro aqui tão aflita e tão embaraçada.
- Tânia - Vamos, seja lá o que for é preciso que tenhas franqueza comigo, que diabo aconteceu-te alguma coisa?
- Gloria - A mim não, Tânia. Foi á ti que aconteceu.
- Tânia - A mim?! Mas então fala logo. Porque tanto embaraço?
- Glória - É que o assunto é tão sério, tão melindroso que eu nem sei por onde deva começar. Contudo farei empenho para não ocultar coisa alguma.
- Tânia - Claro, é isto mesmo que tens que fazer. Anda, fala.
- Gloria - Tânia, caiu em minhas mãos um bilhete que me revela algo muito grave da tua vida que eu, como tua amiga sincera que sou, preferia ignorar. Aqui está. Vê.
- Tânia - (depois de uma pausa) Como foi parar em tuas mãos esse bilhete?
- Gloria - Ele pediu á Cecilia que o entregasse a ti mas recomendou-lhe de o fazer quando estivesse só. Como teu marido estivesse em casa, Cecilia levou com ela o bilhete que eu lhe tomei das mãos, recomendando-lhe de não dar nem uma palavra sobre o assunto com quem quer que fosse. Como vês, isto é gravíssimo e de uma leviandade sem limites.
- Tânia - É claro. Não se entrega um bilhete destes a uma criança.
- Glória - Não é á leviandade dele que eu me refiro, Tânia. A tua ainda é muito maior.
- Tânia - Glória: eu não te revelaria este segredo de minha vida espontaneamente, mas uma vez que o acaso te poz ao corrente dos fatos eu não pretenderei negá-los. Sou amante de Marco Antonio.
- Glória - Tânia!... Que horror, Tânia!... Como tens a coragem de dizer uma coisa destas? E assim, friamente, caraduramente até.
- Tânia - Tenho pena de ti, Glória. És muito ingênua e nada sabes da vida. Antigamente existia esse preconceito horrível que encerrava as mulheres no círculo de ferro da honradez, reduzindo-as ao papel de passivas infelizes. Hoje já não se vê isto. A mulher que se decepçiona com o marido tem o direito de procurar a felicidade ao lado de outro.
- Glória - Que horror, meu Deus!... Tânia, tu estás completamente louca.
- Tânia - Integrada na vida é que estou. Tu não. Tu vives á margem da vida. Porque aos homens é dado o direito de prevaricar sem que nada os prejudique na sua integridade e ás mulheres se nega esse mesmo direito? Não ha razão. Os direitos devem ser iguais. Se eu tivesse a certeza de que meu marido nunca me havia sido infiel, então talvez eu sentisse remorsos pelo que fiz. Mas pelo contrário, eu tenho a certeza de que por muito que faça terei feito sempre menos do que ele. E assim são todos os maridos.
- Glória - Meu Deus, Tânia, todos?!... Será mesmo possível?!...
- Tânia - Todos, sim. Oh os homens!... Eles não valem uma só das nossas lágrimas. Um só dos nossos sacrifícios. São todos pífidos e maus. Traidores e mentirosos. E a mulher que disser: "O meu marido é meu. Só meu!" essa é uma grande tola e merece continuar a ser enganada. Se vieste aqui com a intenção de me recriminar...
- Glória - Oh, não, Tânia, absolutamente. Recriminar-te, não. Tu és senhora absoluta da tua vontade e sabes bem o que fazes. Vim apenas com a intenção de aconselhar-te... chamar a atenção para o erro em que te encontras...
- Tânia - Não, Glória. O erro te encontras tu, acreditando que a mulher deva ser fiel ao marido, mesmo a despeito de qualquer circunstancia. Ouve bem o que te digo: Não ha homem algum que mereça a fidelidade de uma mulher.

Glória - Talvez, ... já não discuto contigo este ponto, mas ao menos ~~mas~~ em respeito a nós mesmas, devemos-nos conservar inatigíveis.

Tânia - Para que? Para que os outros digam "É uma mulher honesta?" Que nos adianta a opinião dos outros quando o marido não tem o menor respeito a essa nossa qualidade? Não, Glória, nada disto. Agradeço-te muitíssimo a piedosa intenção ~~mas~~ mas continuarei tal como sou. E as esposas como eu tem sempre muito mais sorte com os maridos do que as que se mantem numa linha de conduta inatacável. Não esqueças o que te digo: não ha homem que mereça a nossa fidelidade. E a que fôr fiel é tóla.

(CORTINA MUSICAL)

Glória - (falando como velha) As palavras de Tânia produziram uma tal confusão no meu espirito que nunca mais consegui encontrar-me comigo mesma. Eu que antes era uma creatura confiante e calma passei a desconfiar de tudo e de todos. Cheguei mesmo, por vezes, a espionar os passos de meu marido.

Irene - Que horror! O que é capaz de fazer uma criatura assim.

Glória - Um dia em que por acaso não o encontrei no serviço, não tive a menor dúvida de que ele fôra a qualquer parte para encobrir-se com outra. Comecei a sofrer por ciúme, eu que até então ignorava por completo esse sentimento. Um dia...

(Frâse musical)

Tânia - Desta vez não aceitarei mais as tuas desculpas. Terás que ir comigo á festa em casa de Odete.

Glória - Não, Tânia, não quero ir.

Tânia - Mas tu não sabes o que perdes, tóla. São umas festas admiráveis! Vais esperar outra vez pela companhia do teu marido? Olha: fica sabendo que ele não se preocupará em perder o seu tempo acompanhando-te. Naturalmente terá que empregar melhor as suas horas.

Glória - O que é que tu queres dizer com isto, Tânia? Tu sabes alguma coisa de Alfredo? Vamos, não me ocultes nada do que sabes.

Tânia - Eu não sei nada mas sou capaz de apostar a minha cabeça, sem receio algum de perdê-la, como ele está longe de ser o santo que tu imaginas. Vem comigo. Vamos divertir-nos e deixa o Alfredo.

Glória - Si eu tivesse a certeza das minhas desconfianças...

Tânia - Pôdes ter certeza, minha filha. Se ele é verdadeiramente homem é falso. Vamos combinar uma coisa: eu virei buscar-te ás nove horas e depois não nos faltará companhia para a volta. Vou apresentar-te a um rapaz que tem uma simpatia muito grande por ti e deseja muito ser-te apresentado. Vais gostar imensamente dele. Dança muito bem, é um rapaz inteligentíssimo e de uma simpatia única. É um amor, tu vais ver. Não lamentarás as horas que ficarás longe do teu Alfredo. Tenho a certeza. Estamos combinadas, não?

Glória - Não, Tânia, não quero. Não venhas buscar-me porque eu não irei a essa festa.

Tânia - Está bem. Queres continuar a fazer papel de boba, o que é que eu vou fazer? A esposa honesta! (Gargalhadas maldosas) A esposa modelo! (Gargalhadas) Has de adeantar muito com isto! (Gargalhadas)

(CORTINA MUSICAL)

Paulo - Ontem nos fizeste a bôa, não? Disseste que ias lá em casa com dona Glória, deixamos de ir ao cinema para esperá-los e afinal oito e meia, nove horas, nove e meia, dez e o seu Alfredo e a dona Gloria nada.

Alfredo - É verdade, Paulo, desculpa. Não foi possível. Gloria sentiu-se indisposta justamente na hora de sairmos.

Paulo - Olha, Alfredo, eu vou te dizer uma coisa com toda a franqueza que me caracteriza: eu esperei vocês por esperar mas eu tinha certeza absoluta que vocês não apareceriam. Tânia ainda me disse isto: "Vamos ao cinema que eles não veem" mas eu lhe respondi: Não. Eu sei que eles não veem mas prefiro esperar do que eles apareçam aí e nós não estarmos.

Alfredo- Não sei porque tu dizes que tinhas a certeza de que nós não iamos.

Paulo - Eu vou te dizer porque: porque já notei que dona Gloria se afastou de nossa casa e recusa todos os convites que lhe fazemos. Não, não, não adianta protestares porque é uma coisa que entra pelos olhos de qualquer um. Digo-te mais: já cheguei a perguntar à Tânia si ela fez qualquer coisa à D. Glória. Ela me afirma que propositadamente nada fez.

Alfredo- Que tolice a tua, Paulo. É uma desconfiança que tu deves varrer do teu espírito. Nós estávamos prontos para sair quando Glória sentiu uma dor muito forte no estômago e teve que se deitar. Tu, sem telefone em casa, não tinha como te avisar.

Paulo - Não quero absolutamente duvidar da dor de estômago de Dona Gloria, entretanto. É curioso observar que de uns meses a esta parte cada vez que ela se prepara para ir contigo à nossa casa sucede-lhe alguma coisa que a impede de ir. Da penúltima vez - lembras-te? - to roeu um pé ao sair a porta da rua.

Alfredo- Sim, realmente, eu compreendo que tu tenhas razão para desconfiar e reclamar, até...

Paulo - Não, Alfredo, eu não estou reclamando, absolutamente. Eu estou lamentando, apenas. É lamentando porque quero muito bem a vocês. Tanto a ti, como dona Gloria e principalmente a Cecílinha. Foram os primeiros amigos que tivemos aqui, muito bons amigos, por sinal, é natural que eu desejasse cultivar essa amizade. O que acontece, porem, é que infelizmente dona Gloria se afastou de nós.

Alfredo- Não, Paulo, não pôde ser. Você está desconfiado.

Paulo - Mas tenho razões para isto, meu caro, você precisa concordar. Dona Glória à principio, vivia sempre em nossa casa - aliás dava-nos grande prazer - sempre nos convidando para fazer um programa ou outro, almoçando connosco, convidando-nos a jantar em sua casa... iamos juntos ao cinema, saia com Tânia para compras... De repente, sem mais nem que afasta-se nós não devemos desconfiar?

Alfredo- Sim, sim, concordo. Até certo ponto você tem razão. Mas acredite que...

Paulo - Não, Alfredo, não é preciso falar porque você não me convencerá. Sei tambem que você não tem culpa disto e não deveria aborrecê-lo mas são dessas coisas... a gente se habituou com vocês, agora vocês se afastam de repente... Sou capaz de te dizer até o que motivou o afastamento de D. Glória. Foi a maneira de ser da minha mulher.

Alfredo- Ora, paulo, não pense nisto.

Paulo - Foi isto, sim, tenho a certeza. Eu sempre digo à ela: "Tania, você não pôde ser assim, você precisa se modificar". Tânia é muito alegre, muito estouvada, muito barulhenta, fala com todos, ri para todos, brinca e no interior não se aceita uma mulher casada assim. Todos falam, todos reparam, todos comentam e naturalmente foi isto o que aconteceu. As outras amigas de Dona Gloria terão lhe enchido os ouvidos contra ela. Mas eu posso lhe afirmar uma coisa, Alfredo: Tânia é assim mas tem um coração de ouro. Não pôde ver ninguém sofrer e a par dessas qualidades tem ainda uma outra vez verdadeiramente admirável: é honestíssima. É um modelo de esposa.

(CORTINA MUSICAL)

Glória - Quando Alfredo me contou tudo isto, reclamando o meu procedimento com relação a Tânia estive a ponto de dizer-lhe toda a verdade.

Irene - Claro. Porque a senhora não lhe disse tudo?

Glória - Tive receio de que Alfredo contasse, depois, tudo ao marido dela e que daí se originasse uma tragédia. Desculpei-me da melhor maneira que pude e, para acalmar a sua zanga, prometi-lhe que daquele dia em diante teria o cuidado de não recusar nenhum convite de Tânia. E foi assim que uma tarde saímos às compras e ela me fez entrar numa casa onde me afiançava que residia a sua costureira. Tive um choque tremendo quando por uma das portas surge um rapaz alto e moreno que ela em seguida me apresentou.

(FRASE MUSICAL)

Tânia - Apresento-te, Glória, o meu amigo Clóvis Bianco que desejava muitíssimo conhecer-te de perto.

Clóvis - Encantado, Madame.

Glória - (quási sem voz) Obrigada.

Clóvis - Era um desejo antigo que eu alimentava e tardou tanto este instante.

Tânia - É verdade, não Clóvis? Tardou que não foi graça. E assim mesmo você nem imagina a ginástica que precisei fazer. Ela entrou aqui convencidíssima que entrava em casa da minha costureira. (Dá uma gargalhada)

Clóvis - Eu me sentiria muito mais feliz se tivesse a certeza de que havia vindo espontaneamente.

Tânia - (após uma pausa) Fala, Glória, diz alguma coisa. Parece aquelas crianças a quem se diz: "o rato roeu a língua, nêê?" (Dá uma gargalhada).

Clóvis - Eu compreendo o que madame está sentindo. Naturalmente esperava encontrar aqui uma costureira e me apresento eu... (riem os dois) De qualquer modo foi uma surpresa grande e as surpresas sempre nos deixam sem saber o que dizer.

Tânia - Vou dizer à dona Adelina que prepare um cháinho para nós.

Glória - (impetuosa) Não Tânia. Você não me deixará aqui sósinha.

Tânia - Ora esta, porque? Está com medo de você, Clóvis. (Gargalhada)

Clóvis - Porque? Não lhe inspirei nenhuma confiança?

Glória - Não, Tânia, se saíres eu irei embora sósinha.

Tânia - Bem, neste caso eu serei obrigada a ficar até que você se acostume um pouco mais à presença de Clóvis. É pena porque eu estou louquinha de verdade de tomar um chá.

Clóvis - Neste caso irei eu mesmo dizer à Adelina para servi-lo em seguida. (Sai)

Glória - O que estás fazendo é detestável, Tânia.

Tânia - Tola. Uma grande tola é o que tu és. Sei bem o que estás pensando. Sentes remorso por Alfredo, não é isto? Pois então fica sabendo que ele é igual a todos os homens. ouviste?

Glória - Não Tânia.

Tânia - Igual sim. Falso e mentiroso como todos. Tu a fazeres questão absoluta da virtude e ele a enganar-te com quantas amantes lhe aparecem. Não sejas idiota. Vingá-te. Há de ver que sabor admirável a vingança contém.

(CORTINA MUSICAL)

ANÚNCIOS

(Campainha de telefone, chamando duas ou tres vezes. Passos que se aproximam. Ruído de tirar o fone do gancho).

Clóvis - Gloria?

Gloria - Sim.

Clóvis - É Clóvis que fala aqui.

Gloria - Clóvis! Que imprudencia! Eu lhe pedi tanto que não fizesse isto.

Clóvis - Você ficou de voltar, nunca mais apareceu... eu morria de impaciencia.

Glória - Não foi possível, eu disse a você que voltaria quando houvesse oportunidade. Naturalmente não voltei porque não houve.

Clóvis - Não posso crer, Glória. Dez dias que você se foi com a promessa de voltar. O que não houve, a meu ver, foi vontade. É isto, justamente, o que mais me entristece.

Gloria - Vontade ou coragem, Clóvis? Você sabe que eu sou muito medrosa. Já lhe avisei disto.

Clóvis - Não ha razão para temer coisa alguma. Quer vir hoje?

Glória - Não, Clóvis, não, Não posso.

Clóvis - Amanhã, então?

Glória - Não sei. Não desejo prometer nada.

Clóvis - Mas quando virá então, Glória?

Gloria - Um dia. Um dia eu aparecerei. (Ruído de desligar telefone)

(CORTINA MUSICAL)

Tânia - Não sai à tarde para esperar-te e afinal tu não me apareceste.

Paulo - É que hoje eu estava destacado para trabalhar à noite mas como o Alfredo teve necessidade de fazer um serviço particular justamente na hora em que deveria entrar de serviço, propoz-me de ficar até às sete e ele depois ir fazer o serviço da noite por mim. É claro que eu não poderia deixar de aceitar uma proposta destas. O serviço à noite é horrível.

Tânia - Quer dizer então que hoje à noite não vais trabalhar?

Paulo - Felizmente não. Vai o Alfredo em meu lugar. Como vês, foi um ótimo negocio para mim. Se quizeres poderemos jantar e depois ir ao cinema.

Tânia - Não eu hoje não estou com disposição de sair. Vai tu que não é sempre que dispões de tempo e disseste ha dias que tinhas vontade de ver este filme.

Paulo - Pois bem, então prepara-me aí qualquer coisa para comer que são quasi sete e meia e a sessão deve começar às oito. Vou tomar um banho rápido e trocar de roupa. (Passos que se afastam)

Tânia - (para longe) Até que horas Alfredo ficará no serviço esta noite?

Paulo - (de longe) Até às seis da manhã. Porque?

Tânia - Por nada. Tive vontade de perguntar. Olha Paulo, enquanto tu tomas banho eu vou ali ao armazem buscar pão para o teu jantar que não temos nenhum em casa.

(FRASE MUSICAL)

Tânia - Clóvis?

Clóvis - Sim, sou eu. O que há Tânia?

Tânia - O marido está de serviço hoje toda a noite, sabe? Dei uma fugida aqui ao armazem só para avisar isto a você.

Clóvis - Ótimo, Tânia. Obrigado.

Tânia - Vale um vidro de perfume a informação?

Clóvis - Claro. Pode escolher o que desejar.

Tânia - Está bem, depois conversaremos sobre isto. Então já sabe, hein? Aproveite a oportunidade. Tchau.

Clóvis - Obrigado, Tânia. Adeus. (Ruído de desligar telefone)

(CORTINA MUSICAL)

Alfredo - Onde está sua mãe, minha querida?

Cecilia - A mamãe foi na costureira e disse assim que se quando o senhor chegasse se ~~que~~ ela ainda não estivesse que eu distraísse o senhor que ela não demorava.

Alfredo - Muito bem. Então se ela disse que me distraísse o que vais fazer para isto?

Cecilia - Vou lhe contar uma historia, quer?

Alfredo - Uma historia? Não. Prefiro que toques alguma coisa para eu ouvir.

Cecilia - Pois sim, papaizinho, pois então eu vou tocar.

(Ouve-se uma música de principiante, indecisa, às vezes, em sólo de piano)

Alfredo - Muito bem. Nota-se cada vez maior progresso em você. O paizinho está muito satisfeito e quer que você continue sempre estudiosa. (Passos que se aprox)

Cecilia - Eu acho que a mamãe já vem onegando. Ó, eu não disse? Já conheci os passos dela.

Glória - Demorei muito? (beijo)

Alfredo - Um pouco, sim. Mas eu estava aqui distraído. A Cecilinha estava tocando.

Gloria - Ah pois foi. A mamãezinha recomendou à ela de distrair o papai se ele chegasse antes. A costureira embromou tanto que não foi possível chegar antes. Queres jantar já?

Alfredo - Sim. Confesso que estou com bastante apetite.

Gloria - Então vamos.

(CORTINA MUSICAL)

Irene - Que horror! Eu fico toda arrepiada de ouvir isto.

Glória - (voz de velha) Escute o resto. Um dia...

(FRASE MUSICAL)

Gloria - Cecilinha onde está?

Alfredo - Mandei-a à casa de Paulo porque precisava falar-te a sós.

Glória - O que tens, Alfredo? Estás exquisito... perturbado...

Alfredo - Lê esta carta e saberás o que tenho.

Glória - (após uma pausa longa) Meu Deus!...

Alfredo - É uma carta anônima, é verdade, mas eu não acredito que alguém se apossasse a escrevê-la pelo simples prazer de me fazer mal.

Glória - Oh Alfredo! Será possível que irás dar crédito a tanta infâmia?

Alfredo - Não tenho inimigos, pessoas que desejem vingar-se de mim perturbando-me a tranquilidade.

Glória - (chorando) Alfredo! Isto tudo é mentira, Alfredo!... Nem sequer conheço alguem com o nome de Clóvis!... (Chora)

Alfredo - Juras? Juras que é tudo mentira?

Glória - Juro sim.

Alfredo - Pelq que?

Glória - Pela vida de nossa filha! Não acreditas ainda?

Alfredo - Acredito, sim. Deante de um juramento destes seria demais duvidar!

(CORTINA MUSICAL)

Glória - você outra vez, Clóvis? Já lhe pedi pelo amor de Deus que não me telefonasse mais.

Clóvis - Você não compreende que amo-a desvairadamente e que não posso resignar-me a perdê-la?

Glória - Clóvis... Compreenda a minha situação. Eu não devo... eu não posso mais avistá-lo. Ponhamos um ponto final nessa historia e tratemos de esquecê-la.

Clóvis - É tarde demais, Glória. Tenho lutado muito inutilmente. Nós nos pertencemos e não devemos renunciar ao nosso amor por força de convenções.

Glória - Alfredo está desconfiado. Segue-me os passos, eu sei. E além disto, tenho também a minha filha. Ela está ficando uma mocinha... você compreende que isto amanhã poderá prejudicá-la. Não, Clóvis, eu não irei mais ao seu encontro e peço-lhe... suplico-lhe de joelhos que me deixe em paz.

Clóvis - Depois de todas as promessas que me fez é assim que procede? E crê que eu me vá resignar passivamente à sua vontade? Não, Glória, não pôde ser. Não concordo de maneira alguma com a sua resolução. Ou você virá encontrar-me...

Glória - É uma ameaça que me faz, Clóvis? Você... sempre tão vavalheiro...

Clóvis - Eu estou desesperado, Glória. Venha. Venha ou muito se arrependerá.

Glória - O que pensa fazer, Clóvis? Diga-me. Diga-me pelo amor de Deus!

Clóvis - Ou você virá ou então irei hoje mesmo à sua casa.

Glória - Não, Clóvis. Você enlouqueceu? Eu irei, sim. Eu irei.

(CORTINA MUSICAL)

Glória - Estás satisfeito agora?

Clóvis - Por hoje sim. Quando voltarás?

Glória - Não sei. Já me sustou tanto vir hoje. (cinco badaladas longe) Meu Deus, cinco horas já? Estou atrasadíssima. Preciso chegar em casa antes de Alfredo.

Clóvis - Tome um automóvel ali na esquina e em menos de dez minutos estará lá.

Glória - Adeus então, Clóvis. (Beijo).

Clóvis - Adeus, querida. Quando voltarás? Não me disseste ainda.

Glória - Quando puder. Não posso determinar um dia. Mas não telefones para a minha casa, sim? Prometes?

Clóvis - Não posso te prometer. Se tardares muito...

(FRÁSE MUSICAL)

(Ruído de automóvel em movimento) (O ruído faz fundo para a cena)

Glória - Olhe, chauffeur! Não é necessário parar na porta. Tenho receio de que se assustem vendo-me chegar de automóvel. Pôde parar um pouco antes. (Pausa) Já vou lhe pagar para não perder tempo que estou atrasada. Des cruzeiros, não é?

Voz - É sim senhora.

Glória - Ai tem.

Voz - Obrigado. (Pausa longa em que só se ouve o barulho do automóvel).

Glória - Ao voltar essa esquina pôde parar uma quadra adiante que eu desço.

Voz - Sim senhora. (Nova pausa em que só se ouve o barulho do automóvel)

Glória - Aqui está bem. Pôde parar aqui. (Ruído de parar o auto) Obrigada, passe bem. (Batida de porta de automóvel e ruído de carro arrancando e depois se afastando até desaparecer) Que ajuntamento será aquele na porta da minha casa? Meu Deus!... Será possível que tenha acontecido qualquer coisa?

(FRÁSE MUSICAL)

(ruído de vozes e exclamações de pesar)

Glória - Deixem-me passar, por favor. Deixem-me passar. O que houve? Porque estão aqui? Alfredo! Cecilia! Onde estão? (Passos corridos na mesma altura do microfone) Porque não me respondem? Onde estarão eles? O que terá acontecido que ha tanta gente... (Pausa. Um grito de terror) Minha filha! Minha filha!... O que tem ela, meu Deus? Minha filha, porque não me respondes? O que tem ela, Alfredo? Pala antes que eu enlouqueça.

Alfredo - Ela está morta!... (Soluços desesperados de Glória que fazem fundo a toda a fala de Alfredo) Não faz uma hora ainda estava sentada ao piano tocando para que eu ouvisse. De repente parou. Começou a olhar aflita como se estivesse avistando alguma coisa que a horrorizasse e começou a gritar por ti, desesperadamente. Pedia que voltasses. Que viesses o quanto antes que só tu, só tu e mais ninguém poderia salvá-la!... Tentei acalmá-la mas senti imediatamente que a côr lhe fugia, que os olhos começavam a ficar embaciados e que toda ela estava gelada. Corri ao telefone. Chamei o medico com urgencia mas em menos de quinze minutos ela estava morta. Morreu dizendo que só tu poderias salvá-la mas tu não vieste! Dizia que só tu...

Glória - Chega, Alfredo, chega!... Eu sou uma miseravel! Eu sou uma assassina! Foi eu a causadora da morte dela! Eu jurei pela vida da minha filha!... Eu jurei falso, Alfredo! Foi um castigo de Deus a morte dela!... (Soluços desesperados).

Alfredo - Que infâmia, meu Deus!... Que infâmia!...

(CORTINA MUSICAL)

Glória - (voz de velha) Daí para diante, nada mais sei para contar-lhe, senão que quando voltei aos sentidos - muitos dias após - encontrava-me sobre um catre de um hospital de indigentes. Vários dias estivera preza de um delirio atroz que mais parecia loucura. Quando tive alta do hospital não tinha para onde ir. Soube que todos os móveis da minha casa haviam sido vendidos em leilão e que meu marido partira sem dizer a ninguém para onde. Nem sequer o túmulo de minha filha fiquei sabendo onde era!

— Coitada!... Como deve ter sofrido!...

Gloria - Se sofri, meu Deus!... Daí para cá continuei rolando sem destino, como folha desprendida de seu galho e tocada pelo vento. Uma senhora que me havia conhecido desde os tempos de menina, trouxe-me para cá como dama de companhia. Mas estava escrito no livro do destino que eu havia de ser só para expiar melhor as minhas culpas e alguns meses depois essa senhora também faleceu. Foi então que me arranjaram o lugar de telefonista que mantenho até hoje. O trabalho é monótono e para distrair-me faço, por vezes, o que fazem as minhas colegas: escuto as conversas. E foi Deus que me interpoz entre a senhora e o homem que há pouco despachei, para evitar que lhe acontecesse uma desgraça igual à minha.

Irene - Sim, foi Deus, estou certa. Quem sabe se mais tarde eu não seria arrastada ao erro como foi a senhora. (Batem seis badaladas espaçadas, longe)

Glória - Seis horas, minha amiga. Volte para a sua casa. Seu marido e sua filhinha esperam-na, com certeza. E lembre-se sempre de mim.

Irene - Obrigada, minha boa amiga. Muito obrigada!

Glória - Agradeça antes a Deus de se ter lembrado de você. Se ele não me tivesse esquecido eu não teria sofrido o que sofri.

Irene - Não creia que ele a tivesse esquecido, minha amiga. Talvez que ele tivesse permitido o seu sofrimento para que a senhora pudesse depois salvar a muitas outras que se aproximassem do mesmo abismo. A senhora terá sido antes uma eleita e não uma esquecida.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS AOS POUCOS)

SPEAKER:- Acabaram de ouvir "CASTIGO" mais um emocionante trabalho de Roberto Lis para o grande Teatro Difusora, ~~que~~ sob o patrocínio exclusivo dos Chuveiros Elétricos Amaral.

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DOS CHUVEIROS AMARAL)

Castigo obedeceu à seguinte distribuição: (Repete a distribuição)

Ouçã no proxi o domingo, às mesmas horas de hoje,..... mais um grande trabalho de Roberto Lis para o grande Teatro Difusora que é uma oferta exclusiva dos Chuveiros Elétricos Amaral.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FIM DO PROGRAMA)